



2

Port Elizabeth

Nossa viagem desde a região do Park Kruger até Port Elizabeth, no litoral sul do país, merece alguns destaques.

A possibilidade de voar nessas aeronaves menores (novamente pegamos um ATR) é ótima para podermos ver muitas coisas. Chamou atenção o fato de que há pouca agricultura em desenvolvimento, pelo menos no trecho cruzado que foi de noroeste para o sul do país, em direção à porção central de seu litoral, digamos assim.

Viam-se parques, áreas preservadas e propriedades que pareciam se destinar à pecuária, mas muito pouca coisa de agricultura. Os solos de um marrom claro reforçam a impressão de que a fertilidade é baixa e a agricultura poderia ser pouco rentável.

A nossa chegada ao Aeroporto de Port Elizabeth reforçou observação anterior: os negros, na África do Sul, falam muito mal o inglês, pelo menos o pessoal de serviços gerais, que é com quem falamos. Tanto a jovem que nos atendeu na Avis para entregar o carro alugado no Brasil, como o jovem com quem alugamos o GPS, tinha vocabulário pequeno e pronúncia terrivelmente difícil de ser compreendida.

No caso da jovem que nos atendeu na Avis, não falar inglês bem foi minimizado pelo fato de que ela era uma linda negra sorridente e tinha um nome extremamente sonoro, que combinava com ela – Zizikazi – não é sensacional alguém se chamar Zizikazi? A língua autóctone é muito sonora e nos dá grande curiosidade. Hoje Eliseu e eu ouvindo uma rádio em que a programação era nesta língua, ficamos entretidos com a sua sonoridade.

Outra coisinha para lembrar a chegada a Port Elizabeth foi toda a concentração que Eliseu precisou para dirigir, pela primeira vez, na mão inglesa, esse aspecto teria sido

minimizado se não estivesse escuro e se o GPS funcionasse. Por que sempre temos certa dificuldade, na primeira vez que pegamos um novo equipamento de GPS? Sim, os modelos mudam, as formas de acessar se alteram e a gente fica perdido, justamente naquele exato momento que precisamos nos encontrar. Estávamos a cerca de 3 km do hotel e demoramos quase uma hora para encontrá-lo. É óbvio que depois dessa, preferimos estacionar o carro quietinho e jantar no próprio hotel.

Mas vamos ao dia seguinte.

Olhando pela janela para a beira mar, enquanto tomávamos o café da manhã, a cidade de Port Elizabeth parece sensacional. Há uma enorme faixa de cerca de 100 m, nesta área que, segundo o Guia da Visual, é a de expansão da cidade, em que se mesclam uma bonita vegetação com pequenas calçadas para caminhar e bancos para se contemplar esse “lungomare”, como teria falado o Dióres. Por volta de 8h30 havia muita gente andando e outros que já iam para a praia. Esse pequeno parque longelíneo ao mar, me fez lembrar Aracaju, onde há algo semelhante, ainda que o arranjo urbanístico seja completamente diferente.

Nós optamos por conhecer o centro histórico e fazer o trajeto sugerido no guia. De fato, foi decepcionante. Os monumentos assinalados não estavam bem preservados e, em uma hora e meia, sob um calor escaldante já havíamos feito o tal percurso.

Uma curiosidade muito interessante é a origem do nome da cidade. Em 1818, o filho do deão de York (condado nos EUA), Sir Rufane Donkin, que morava na África do Sul, e era governador do Cabo, perdeu sua mulher de 28 anos, em uma semana, pois ela contraíra uma febre, que não se conseguiu curar. Desesperado pela perda da esposa, que deixara um filho muito pequeno, ele mandou erguer, na elevação mais próxima do pequeno porto, um monumento, de forma piramidal, que hoje compõe o que se denomina Donkin Reserve. Em homenagem a ela, batizou a cidade com seu nome – Port Elizabeth.

Essa pirâmide e algumas edificações merecem destaque, apesar de nossa decepção inicial. Agora escrevendo essas notas já começo a valorizar mais o que vimos hoje de manhã.



Na placa afixada no monumento em homenagem a Elizabeth, à esquerda acima, tem um texto bastante laudatório, classificando-a como um ser humano inigualável e outros que tais. Fiquei me perguntando como era Elizabeth e se realmente viveu feliz com Sir Donkin. Na foto à esquerda, uma das faces da grande praça onde está o monumento; nela, observa-se uma fileira de casas estilo vitoriano, construídas por volta de 1860. A rainha inglesa Vitória teve grande influência na África do Sul, razão pela qual tanto o estilo arquitetônico está presente – veja o Protea Hotel Edward, na mesma praça, na foto à esquerda abaixo e, ao seu lado, na foto da direita, a estátua em homenagem à rainha em frente à Biblioteca Pública.



Port Elizabeth é a quinta maior cidade da África do Sul. É conhecida por ter sido importante, no período colonial, mas hoje passa a impressão de estar um pouco parada no tempo. O centro histórico, onde se localizam os prédios destacados, tinha

muito pouca gente pelas ruas e, mesmo quando andamos numa das principais vias comerciais, não sentimos vida urbana intensa.



O City Hall que fica numa praça que tem um lindo piso em mosaicos, que não pôde ser fotografado por causa dos carros, está na foto acima à esquerda, e o Historical Museum (à direita) ocupa uma das primeiras casas de Port Elizabeth, edificação essa que me lembrou bastante o estilo colonial brasileiro.



As duas casas das fotos de cima estão a 400 metros do Donkin Reserve, no coração do centro histórico e a 30 metros da entrada do Fort Freederick, edificado em 1799 por soldados britânicos para proteger a costa de possíveis ataques franceses. Nunca foi disparado um só tiro de canhão desde esse forte, porque nunca houve ataque francês ou de qualquer outro país. Não deixa de ser um local interessante para se ter uma boa vista do porto. A foto abaixo, à direita, possibilita-nos ver a altura em que foi assentado o forte (de onde foi tomada a foto) e o crescimento urbano para uso residencial na colina em frente àquela em que ele se localiza. Um *zoom* do porto também registrado a partir do forte é possível de se ver na última foto, que já está na próxima página.



A área de expansão onde está o Protea Hotel Marine, no qual estamos hospedados, fica à oeste do centro da cidade, também não tem edificações muito modernas, dando a entender pelas feições arquitetônicas que se trata de uma área que teve seu apogeu há 30 ou 40 anos. Por outro lado, chamou muito a nossa atenção que não

se observava miséria nas ruas, ou seja, não encontramos ninguém mendigando, tampouco gente dormindo nas ruas, como temos visto aumentar no Brasil.

Quando nos afastamos de carro um pouco mais para ir até o Nelson Mandela Stadium, em fase final de acabamento para abrigar a Copa do Mundo, vimos primeiramente bairros residenciais de classe média, com construções muito bem conservadas, sendo que as mais recentes já estão em forma de áreas residenciais fechadas. Muitas têm um acabamento em tijolo à vista, super bem feito, e os tijolos são de um vermelho mais escuro que o dos nossos.



A direita um detalhe de construção em tijolo à vista que predomina nas residências de classe média, aqui na África do Sul. Olhando de perto, o tijolo tem a aparência de ser extremamente resistente. Foi essa a imagem que nos ficou durante toda a viagem, em termos de fachadas das edificações.



Acima o Eliseu em frente ao estádio. Abaixo os dois cartazes com a planta da grande edificação e com o logotipo do estádio e de toda a área que está passando por um *aménagement* para receber a Copa do Mundo.



Saindo do estádio em direção à rodovia N2 passamos por um via importante que dá acesso a bairros populares. Neste caso, chamou atenção a sujeira das ruas e as lojas de móveis que, exatamente como no Brasil, expõem seus produtos na calçada. O gosto popular sul africano denota-se nos estofados aveludados, sempre em cores fortes como o vinho e o mostarda.

O tempo que passamos em Port Elizabeth me proporcionou fazer várias comparações. Todos sabem que é pouco útil e adequado comparar países diferentes, cujas formações sociais são diversas e os contextos de articulação às escalas internacionais também são distintos. Tudo bem, mas deixe-me fazer a comparação, mesmo que prematura: sempre tive uma idéia da África do Sul, como um país em franco desenvolvimento econômico, o que é correto, mas meus livros de Geografia (década de 1960 e 1970) falavam de um país que assumiria posição de destaque, porque já saíra do bloco dos subdesenvolvidos. Andando por aqui, em Port Elizabeth, pelo menos, não se sente isso. Por exemplo, comparando essa cidade com Salvador que também foi muito importante, no período colonial, e hoje deve ser igualmente a 5ª. maior cidade brasileira (será que é Porto Alegre que ocupa essa posição e Salvador é a 6ª?), percebemos um vigor muito maior no Brasil,

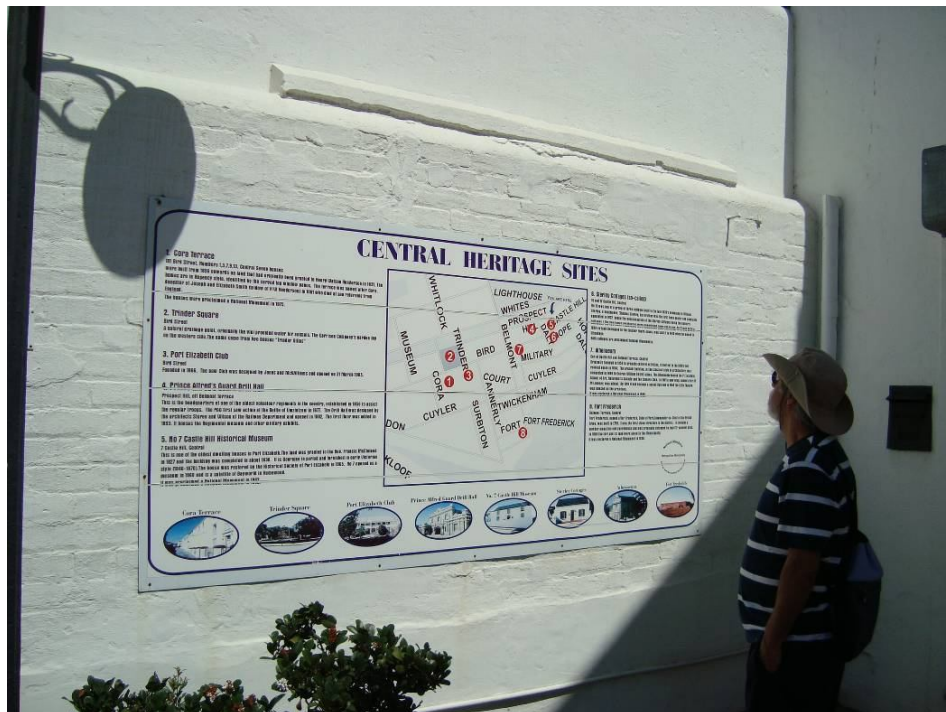
Outra comparação que a lembrança nos trouxe imediatamente, ao Eliseu e a mim, é certa semelhança com São Francisco, sobretudo na área do centro histórico e dela até o porto. O relevo se assemelha, bem como as casas antigas, algumas com acabamentos na varanda em madeira e mesmo as casas antigas mais elegantes parecem demais com as que vimos em São Francisco. Sempre quando fazemos nossa lista de lugares aos quais gostaríamos de voltar, vem esta cidade estadunidense na lista, mas em relação à Port Elizabeth foi o contrário, apesar de uma lembrar à outra. Mas chega de comparações de pouca precisão, para registrar que, nesse caminhar pelas ruas de Port Elizabeth, mais duas coisas me chamaram atenção. Uma refere-se às plantas que, às vezes são muito diferentes das nossas, outras vezes, quando são espécies que conhecemos como a chiflória da foto à direita, têm flores muito maiores (também verificamos isso em relação às flores que brotam dos agaves ao

longo das rodovias), Não me perguntem a razão. Daria para imaginar que não havendo grande pluviosidade, na África do Sul, as plantas fossem menos vistosas, e no geral, são, mas em muitos casos elas chamam atenção.



Um segundo aspecto que se destacou é que, numa das ruas do centro, onde há um comércio mais popular, diferentemente do que vi em outras áreas da cidade, os manequins que exibem as roupas à venda nas vitrines são negro(a)s. Achei sensacional e não me lembro de ter visto isso no Brasil, apesar de termos grande contingente da população com essa cor de pele. Vejam a foto seguinte, que não ficou muito boa, mas a incluí para se observar como eles gostam de cores fortes (o soutien era rosa e a calcinha vermelha!).

Para registrar mais um pouco Port Elizabeth, vejam o Eliseu, na sequência, namorando o mapa afixado na entrada do Museu.



No momento em que fomos deixar o Hotel Protea Marine, nesta cidade, ocorreu um fato muito interessante. Fiquei com as malas em frente ao hotel, enquanto Eliseu foi buscar o carro estacionado a certa distância. Dois fortes rapazes (ou senhores? Nunca sabemos a idade dos negros) ficaram comigo para carregar as malas e levar sua gorjeta. Eram super simpáticos e tentavam levar um papo comigo. Até que, percebendo meu vocabulário reduzidíssssssimo, perguntaram de que país eu vinha. Assim que respondi: “Brasil”, um deles super animado, por poder me agradar mais ainda, retrucou: “!Bonjour, madame! Merci! Au revoir”. Eu comecei a rir e a explicar que, no Brasil, falávamos português, e ele meio sem graça, procurou alguma palavra nesta língua e não se lembrou de nenhuma..... É sempre desse modo, quando se trata dos outros países e outras culturas, sempre confundimos e generalizamos. Afinal quem de nós sabe distinguir, direitinho, a Birmânia do Laos, no que se refere aos detalhes? É tudo por lá, na Ásia.....

Antes de sairmos de Port Elizabeth voltamos ao Aeroporto, porque o nosso GPS parou de funcionar em função de falta de contato, no carro, com o ponto que permite que ele se alimente da bateria. Apelidamos nosso GPS de “Manuel” (a voz que nos orienta é de um português), lembrando que na viagem à Sicília, nosso GPS foi chamado de Maria. O Manuel é ótimo, mas sem ser carregado deixou de funcionar de uma hora para a outra. Chegando à locadora Avis, ficamos bem impressionados com o rápido e eficiente atendimento – imediatamente nosso Corolla branco foi trocado por um BMW cinza ainda mais confortável, e com adequada conexão para o GPS. O melhor de tudo foi que lá estava Zizikazi, que se lembrava da gente e continuava sorridente.

Pode ser mera coincidência, mas nas duas últimas vezes que alugamos carro com a Avis achamos os veículos e o atendimento muito bom (México e África do Sul). As duas últimas vezes que alugamos com a Europcar (Itália e França) nem a van, nem a Dobló, respectivamente, eram os veículos que a gente havia “namorado” no site (eles

sempre argumentam que é similar), nem o serviço foi atencioso. Fica o registro para conferir e confirmar a tendência ou demonstrar que foi apenas coincidência.... Vejam o Eliseu aí nas fotos, ao lado dos dois carros.

